

HAITI EM CUIABÁ: DIÁLOGOS E ENTRELUGARES

HAITÍ EN CUIABÁ: DIÁLOGO Y CAMINAR

Dra. Lucy Ferreira Azevedo¹

Ms. Josenil Araújo dos Santos²

Ms. Claudio José Santana de Figueiredo³

Dr. José Serafim Bertoloto⁴

Dra. Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini⁵

Resumo

Cuiabá acolheu os Haitianos vindos do Norte brasileiro e, assim como em outros estados, não houve um grupo organizado e preparado para o acolhimento dos refugiados, exceto no que refere à regularização de documentos oficiais, além da recepção realizada por igrejas. As crianças e alunos adultos foram encaminhados para a escola pública – os adultos para o EJA, embora, no começo, não tivessem tradutores para melhor adaptação. Para esta pesquisa, a hipótese levantada foi se haveria uma dimensão de vida na qual os haitianos estariam mantendo uma zona de conforto que os potencializasse a ficar no Brasil ou aguentar um período de espera para retornar ao Haiti, uma vez que, em vários lugares da capital, como shoppings, bares, praças e escolas, muitos permaneciam sem emprego e dependendo de ajuda humanitária de instituições, embora, entre eles, tenham profissionais com diploma superior e aptidão para uma série de ocupações laborais. A pesquisa de campo e qualitativa teve o objetivo de investigar a produção simbólica, a significação e ressignificação dos fenômenos criativos de múltiplas linguagens, surgidas no entrelugar do diálogo e da cultura por meio das festas e rituais desenvolvidos em Cuiabá. As festas religiosas católicas ou evangélicas, os locais de conversas e/ou diversão, assim como o local de trabalho e estudo parecem configurar o entrelugar dos haitianos em Cuiabá. São momentos em que as identidades de projeto se projetam e possibilitam uma vivência possível no lugar onde são refugiados.

Palavras-chave: Cuiabá; Entrelugares; Haitianos; Festas religiosas; Refugiados.

Resumen

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP) Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá – (UNIC). Cuiabá, Mato Grosso. MT, Brasil. E-mail: lucyfazevedo@gmail.com

² Mestre em Ensino de Linguagens e seus Códigos pela Universidade Cuiabá– (UNIC). Cuiabá, Mato Grosso. MT, Brasil. teacherjosenil@gmail.com

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - (UFMT-MT). Doutorando em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - (UFMT-MT). Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. claudio.figueiredo.san@gmail.com

⁴ Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá – (UNIC) e Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso – (UFMT). Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: serafim.bertoloto@gmail.com

⁵ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino da Universidade de Cuiabá – UNIC. E-mail: fonsecaanagraciela@gmail.com

Cuiabá dio la bienvenida a los haitianos del norte de Brasil y, como en otros estados, no hubo un grupo organizado y preparado para recibir a los refugiados, excepto la regularización de documentos oficiales, además de la recepción por parte de las iglesias. Los niños y los estudiantes adultos fueron remitidos a la escuela pública, los adultos a EJA, aunque al principio no tenían traductores para una mejor adaptación. Para esta investigación, la hipótesis planteada fue si habría una dimensión de vida en la que los haitianos mantendrían una zona de confort que les permitiría permanecer en Brasil o resistir un período de espera para regresar a Haití, ya que en muchas partes de capital, como centros comerciales, bares, plazas y escuelas, muchos permanecieron sin empleo y dependientes de la ayuda humanitaria de las instituciones, aunque entre ellos había profesionales con un mayor grado y aptitud para una variedad de ocupaciones. El campo y la investigación cualitativa tuvieron como objetivo investigar la producción simbólica, el significado y la resignificación de los fenómenos creativos de múltiples idiomas, que surgen en el entrelazamiento del diálogo y la cultura a través de los festivales y rituales desarrollados en Cuiabá. Los partidos religiosos católicos o evangélicos, los lugares de conversación y / o entretenimiento, así como el lugar de trabajo y el estudio, parecen dar forma al entrelazamiento de los haitianos en Cuiabá. Estos son momentos en los que se proyectan las identidades de los proyectos y hacen posible la vida en el lugar donde son refugiados.

Palabras llave: Cuiabá; Interlocaciones; Haitianos Fiestas religiosas; Refugiados

I. Introdução

Muitas são as pesquisas realizadas em Cuiabá, principalmente no agrupamento de haitianos (no Estado de Mato Grosso), vindos a partir de 2010, depois da catástrofe sofrida em seu país.

Cuiabá acolheu aqueles vindos do Norte brasileiro e, assim como em outros estados, não houve um grupo organizado e preparado para o acolhimento dos refugiados, exceto no que refere à regularização de documentos oficiais, além da recepção realizada por igrejas. As crianças e alunos adultos foram encaminhados para a escola pública – os adultos para o EJA, embora, no começo, não tivessem tradutores para melhor adaptação.

Para esta pesquisa, a hipótese levantada foi se haveria uma dimensão de vida na qual os haitianos estariam mantendo uma zona de conforto que os potencializasse a ficar no Brasil ou aguentar um período de espera para retornar ao Haiti, uma vez que, em vários lugares da capital, como *shoppings*, bares, praças e escolas, muitos permaneciam sem emprego e dependendo de ajuda humanitária de instituições, embora, entre eles, tenham profissionais com diploma superior e aptidão para uma série de ocupações laborais.

A partir das dificuldades encontradas, constatadas no questionário aplicado, objetivou-se verificar em que dimensão eles se sentiam integrados à comunidade cuiabana - o entrelugar possibilitador de alívio para a situação de refugiados, vivências sacrificadas fora da terra natal - pois não se pode ignorar que políticas devam ser desenvolvidas e discussões em diferentes setores da sociedade devam equacionar o problema dos refugiados no Brasil e no mundo, para

que se possa auxiliar a integração, uma vez que se supõe ser a solidariedade fator fundamental nas relações humanas.

2. Metodologia

Para a realização do objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, qualitativa, com 50 entrevistados. Recebeu registro da Comissão de Ética nº 9300377 na Plataforma Brasil, apoiada pela Funadesp.

O suporte teórico foi desenvolvido com autores dos Estudos Culturais, tendo em vista a abrangência que o tema exige.

Os sujeitos da pesquisa responderam a 20 perguntas abertas em vários lugares da capital: igrejas, *shoppings*, praças, sempre com autorização prévia para a realização da apreensão na atividade comunicativa, no evento da comunicação que, em sentido estrito, ações/discursos manifestados linguisticamente por meio de textos orais, captação que mostrou suas percepções da própria situação no Brasil.

Dentre os resultados, foram localizados entrelugares que, de certa forma, constituem uma vivência paralela de alívio da situação de refugiado, como uma pausa na saudade da terra natal, o afastamento da família, a nova adaptação sociocultural e a recolocação no mundo do trabalho muitas vezes em patamar inferior àquele que exerciam no Haiti.

Nesta busca dos entrelugares, buscaram-se, nas festas, rituais haitianos praticados/vivenciados no Brasil, os “saberes-comuns”, além da religiosidade que, conforme Macedo (2004), pode ser um espaço-tempo em que coisas e ações deixam de pertencer a categorias historicamente nomeadas no espaço-tempo que não são os mesmos e mesclados culturalmente. Cultura entendida como em GEERTZ (2008), sempre pública, um sistema de signos que podem ser interpretados. Ainda segundo o autor, a cultura não como um poder contido nas ações em sociedade, nos comportamentos, instituições ou nos processos, mas contextual com seus símbolos interpretáveis.

E, no grupo de refugiados, no desenvolvimento das festas/celebrações, acreditou-se no entendimento de Castells (1999, p. 22) que diferencia identidade de papel social, demonstrando que o papel social é de segunda ordem, porque, segundo ele, o papel social depende, pois, de acordos com a comunidade no ato de influenciar indivíduos e instituições. Castells continua afirmando que as identidades são essencialmente fontes de significados para

os próprios atores. Estabelece três categorias de identidade a partir da relação de poder : a) “identidade legitimadora”, de caráter essencialista, imposta pelas instituições; b) “identidade de resistência” daqueles que procuram manter sua cultura com a ilusão de impermeabilidade; e c) “identidade de projeto que é uma projeção construtivista entre as pessoas de um certo grupo”.

3. Entrelugares

No decorrer dos diálogos a partir dos questionários, localizaram-se as três identidades: identidade essencialista e legitimadora, porque os haitianos demonstraram em diferentes ocasiões a sua identidade que recorria à memória para vivificar um passado histórico com o qual mantêm seus tesouros, o que para HALL (2000) é o recurso da memória histórica para mostrar não o que se é por meio da linguagem e da cultura, mas para a produção daquilo em que cada um se tornou; identidade de resistência daqueles que procuram manter sua cultura com a ilusão de impermeabilidade, na busca de recriação do vivido e identidade de projeto que é uma projeção construtivista entre as pessoas de certos grupos, aqueles que foram chegando do Norte do Brasil e buscam construir novos vínculos, já conseguiram construir uma casinha e sonham trazer a família que está à espera no Haiti.

Nesta perspectiva, estudou-se uma das marcas culturais do Haiti, O dia da Bandeira, celebrada oficialmente em 18 de maio. Eles festejaram em escolas públicas de Cuiabá que oferecem a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Este marco da revolução haitiana significou uma luta de 1791 a 1804 para a independência da França da qual foi colônia e a criação da primeira república negra do mundo, proclamada no início de 1804. Em outros Estados brasileiros a comemoração também foi realizada.

As escolas do EJA têm recebido haitianos e festeja com eles algumas datas significativas para ajudá-los na integração entre pares e com a sociedade local.

Nas festas religiosas, eles se relacionam predominantemente na igreja católica e em algumas evangélicas. No entanto, no Brasil, outra expressão religiosa, a prática do vodu, é velada. Aqui se vive o dualismo ocidental entre Deus e o diabo e o vodu, assim como foi

também no Haiti, teve seu culto envolvido em preconceito por fazer parte do que os colonizadores acreditavam ser do mal e a festa uma representação do profano. Assim, as ideologias religiosas taxaram o credo no vodu de magia ou feitiçaria no Haiti e, ainda, no Brasil.

No entanto, no / *kanaval* / -crioulo-do Haiti, em fevereiro, o vodu é representado como uma força cultural de resistência, como se representasse uma solidariedade étnica para oposição aos brancos que resistem até hoje.

O paradoxo existente (BOURDIEU, 2004, p. 72) é que cristãos – na igreja com a aceitação da ordem simbólica e política do colonizador – estão de um lado, enquanto os mesmos cristão haitianos, no lar, no aconchego das famílias, mantêm a crença veladamente.

O entrelugar mais importante, dentre diferentes dimensões, como locais de encontros, festividades religiosas ou profanas, é o trabalho com a carteira assinada. São empregados em hotéis, estacionamentos, *shoppings*, supermercados, lojas, etc. E, com o recebimento do salário, conseguem enviar uma parte para seu país. Alguns, já tendo construído suas casas, trouxeram os filhos e esposas. Assim, espaços de vivência comunitária para a continuidade da identidade de projeto estão aos poucos sendo criados, como em um *shopping* da capital em que eles se encontram para conversar e agora, no bairro do Planalto, há um bar dos haitianos para ouvir a música de seu país e saborear os alimentos da terra natal. O bar funciona como um entrelugar de sonhos, comunicações, resolução de problemas, ou seja, um pedaço de seu país onde cada um merece e tem o respeito de todos eles e dos vizinhos brasileiros que vão até o bar para se divertir.

4. Conclusão

A pesquisa de campo e qualitativa teve o objetivo de investigar a produção simbólica, a significação e ressignificação dos fenômenos criativos de múltiplas linguagens, surgidas no entrelugar do diálogo e da cultura por meio das festas e rituais desenvolvidos em Cuiabá.

As festas religiosas católicas ou evangélicas, os locais de conversas e/ou diversão, assim como o local de trabalho e estudo parecem configurar o entrelugar dos haitianos em Cuiabá. São momentos em que as identidades de projeto se projetam e possibilitam uma vivência possível no lugar onde são refugiados.

No entrelugar que é oportunizado pelo trabalho, parece estar o eixo mais estabilizador de toda a comunidade haitiana que, embora não consiga validar diplomas do Haiti ou exercer profissões para as quais eles e elas foram preparados a vida inteira em sua terra, ainda está a semente da esperança de dias melhores.

Concluindo, acredita-se que a compreensão dos haitianos foi mais ampliada a partir dos entrelugares que se configuram em portais possíveis para a manutenção de vidas e de esperança em dias melhores para os refugiados que no mundo atual diluem fronteiras e forçam o entendimento da expressão diversidade como marca humana e, em Cuiabá, está primeiramente no trabalho; depois, nos espaços de diálogo, nas escolas e nas igrejas. Momentos e lugares onde é possível sentir menos a saudade da terra natal.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL, «REQUERIMENTO COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA nº 94, de 2015 - Pesquisas - Senado Federal». www25.senado.leg.br. Consultado em 17 de dezembro de 2015
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis RJ: Vozes, 1997.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MACEDO, Elizabeth. MACEDO, Elizabeth. Currículo e hibridismo: para politizar o conceito de cultura. Educação em Foco, Juiz de Fora: UFJF, v. 8, n. 1- 2, p. 13-30, 2004.
- <http://www2.seduc.mt.gov.br>. Acesso em 25/4/2019.